



Revista JRG de Estudos Acadêmicos

ISSN: 2595-1661

Tramitação

Editorial: Data de submissão

(recebimento): 10/08/2019. Data de reformulação: 10/09/2019.

Data de aceitação (expedição de carta de aceite): 10/10/2019.

Data de disponibilização no site (publicação): 10/11/2019.

Editor Responsável: Me. Jonas Rodrigo

A PERCEPÇÃO DO ENFERMEIRO NO LIDAR COM A MORTE DURANTE A ASSISTÊNCIA

THE NURSE'S PERCEPTION WHEN DEALING WITH DEATH DURING CARE

*Me. Jonas Rodrigo Gonçalves
Jhonata Rocha de Sá Simões*

Resumo

O tema deste artigo é a percepção do enfermeiro no lidar com a morte durante a assistência. Investigou-se o seguinte problema: como é o enfrentamento do enfermeiro e quais os sentimentos expressos pelos profissionais perante a morte? Cogitou-se a seguinte hipótese “os enfermeiros não sabem como lidar diante da iminência da morte”. O Objetivo Geral é identificar a percepção do enfermeiro ao lidar com a morte durante a assistência. Os Objetivos Específicos são: identificar os sentimentos vivenciados e as dificuldades enfrentadas pelos enfermeiros que trabalham e convivem com a morte. Este trabalho é importante em uma perspectiva individual devido a necessidade de aprofundar o conhecimento acerca da assistência prestada pelo enfermeiro ao paciente em processo de morte e morrer; para a ciência, é relevante para que o enfermeiro reconheça seus limites e assim busquem preparo tanto profissional quanto ético para trabalharem com a morte; agrega à sociedade pelo fato de que assim possam promover uma melhor

¹ Doutorando em Psicologia (Cultura Contemporânea e Relações Humanas); Mestre em Ciência Política (Direitos Humanos, Políticas Públicas e Cidadania); licenciado em Filosofia e em Letras (Português/Inglês); professor das faculdades Processus (DF), Unip (SP), Sena Aires (GO) e CNA (DF). CV:<http://lattes.cnpq.br/6904924103696696>. OrcidID: <http://orcid.org/0000-0003-4106-8071>. E-mail: professorjonas@gmail.com.

² Graduação em andamento em Enfermagem, pela Universidade Paulista, UNIP-SP (BRASIL). OrcidID: <https://orcid.org/0000-0002-9847-9640>. CV: <http://lattes.cnpq.br/8189035508892255>

assistência para a população que necessite de seus cuidados. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, teórica com duração de três meses.

Palavras-chaves: Enfermagem. Morte. Atitude frente a morte.

Abstract

The theme of this article is the perception of nurses in dealing with death during care. The following problem was investigated: how is the nurse's confrontation and what are the feelings expressed by professionals regarding death? The following hypothesis was considered: "nurses do not know how to deal with the imminence of death". The overall objective is to identify nurses' perceptions in dealing with death during care. The specific objectives are: to identify the feelings experienced and the difficulties faced by nurses who work and live with death. This work is important from an individual perspective because of the need to deepen the knowledge about the care provided by nurses to patients in the process of dying and dying; for science, it is relevant for nurses to recognize their limits and thus seek both professional and ethical preparation to work with death; It adds to society that they can thus promote better care for the population in need of their care. This is a theoretical qualitative research lasting three months.

Keywords: Nursing. Death. Attitude towards death.

Introdução

A morte é um dos acontecimentos existenciais mais sofríveis e complexos presentes na vida dos seres humanos. Assim, muitas das vezes não há discussão sobre a mesma, sendo negada e ignorada. Principalmente na área da saúde, onde o lidar com a morte é constante, os profissionais evitam falar sobre a mesma (SOUZA, ALMEIDA, PAIVA 2012).

A morte é inevitável, faz parte do processo biológico da vida humana e ocorre constantemente. A percepção desse acontecimento cria-se de forma social e cultural ao longo da evolução humana. (SANTOS, HORMANEZ, 2013).

Este artigo se propõe a responder ao seguinte problema: como é o enfrentamento do enfermeiro e quais os sentimentos expressos pelos profissionais perante a morte? As emoções presenciadas pelos enfermeiros e o lidar com a morte.

O lidar com a morte é frequente no cotidiano dos profissionais de enfermagem, despertando grande temor no ser humano. Esse sentimento é provocado a partir da dificuldade de lidar com a finitude do paciente. Conseqüentemente, se acarreta sentimento de impotência perante a perda do paciente nos profissionais de enfermagem. Esse fato não se representa somente no fracasso dos cuidados, mas igualmente como a derrota diante da morte e de cumprir a missão dos profissionais de saúde, de minimizar seu sofrimento, sua dor, trazendo-o a vida, salvando o paciente (POLES, BOUSSO, 2006).

A hipótese levantada frente ao problema em questão foi: os enfermeiros não sabem como lidar diante da iminência da morte. Ao se depararem com a morte, os enfermeiros não estão preparados, assim, não sabendo reagir a este fenômeno.

Os enfermeiros apresentam dificuldades em lidarem com suas emoções perante a iminência da morte. No cotidiano do cuidar, os profissionais salientam que a morte é um fato causador de grande sofrimento, o que dificulta sua aceitação (FERNANDES et al, 2013; SILVA et al, 2012; SHIMIZU, 2009).

O Objetivo Geral deste trabalho é identificar a percepção do enfermeiro ao lidar com a morte durante a assistência. Além disto, compreender as implicações da morte do paciente no decorrer de sua atuação profissional e suas dificuldades ao lidar com o paciente terminal.

Salienta-se, que, mesmo exposto a diversas situações de terminalidade em sua prática clínica, para os enfermeiros, com certeza abordar a morte diante da profissão é a mais dura realidade, visto que, apesar de seus esforços, alguns pacientes acabam evoluindo ao óbito. Ao lidar com a morte, pode surgir à necessidade de se afastar do paciente como forma de proteção, isso pode ocorrer pelo fato de que o profissional não está preparado para lidar com a situação a qual está exposto, ou até mesmo não dispõe de conhecimento adequado para lidar com a finitude do paciente (VIERO et al, 2012; SOUSA et al, 2009).

Deste modo, procura-se identificar os sentimentos vivenciados pelos enfermeiros em seu cotidiano. Da mesma forma, têm-se a necessidade de conhecer as dificuldades enfrentadas pelos enfermeiros em sua atuação, por trabalharem e conviverem com a morte frequentemente.

O cuidar é presente no cotidiano do enfermeiro, deste modo possui um papel importante com o indivíduo em processo de morte. Devido à proximidade com o paciente terminal, sentimentos de tristeza, perda, decepção, impotência, frustração, raiva, fuga e até negação por não conseguirem manter a vida do paciente, podem surgir. Contudo, mesmo com o confronto contínuo com a morte em sua prática assistencial, o profissional ainda se depara com dificuldades para encará-la (BESERRA, SANTANA, ARAUJO, 2006; GASPERINI, RADUNZ, 2006; VIEIRA, SOUZA, SENA, 2006).

Este estudo justifica-se pela necessidade de aprofundar o conhecimento acerca da assistência prestada pelo enfermeiro ao paciente em processo de morte e morrer. Do mesmo modo, surgiu o interesse de compreender os motivos que influenciam os enfermeiros a temerem ou apresentarem dificuldades em enfrentar a finitude de seus pacientes.

A relevância de abordar esta temática é necessária para que o enfermeiro reconheça seus limites e assim busquem preparo tanto profissional quanto ético para trabalharem com a morte. Assim, surge a necessidade de contribuir com pesquisas para ajudar profissionais a lidarem com a morte de forma natural e menos penosa.

A enfermagem é a profissão mais próxima do paciente na área da saúde, cuidando do indivíduo que sofre. Desta maneira, ressalta a importância de promover discussões sobre a morte e o processo de morrer para os enfermeiros, para que assim possam promover uma melhor assistência para a sociedade que necessite de seus cuidados.

Com a finalidade de atingir os objetivos preestabelecidos, optou-se por um estudo teórico, descritivo e o instrumental utilizado foi o levantamento dos artigos nas seguintes bases de dados: Scientific Electronic Library Online (SCIELO), Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Base de Dados de Enfermagem (BDENF) e artigos na íntegra. Pesquisa realizada em aproximadamente três meses, incluindo a seleção da literatura e elaboração do artigo.

Trata-se de um estudo de revisão integrativa de literatura, com abordagem qualitativa, a qual é produzida pela análise da literatura e que possibilita discussões sobre as metodologias, resultados e conclusões ao tema em estudo. A abordagem do tipo qualitativa visa sanar questões particulares e trabalha com o universo dos

motivos, aspirações, significados, crenças e valores a atitudes (SANTOS, et al, 2017; DESLANDES, GOMES, MINAYO, 2007)

DISCUSSÃO

A morte é definida como a interrupção do ciclo da vida, causando grande impacto em quem presencia, por se tratar da perda e da separação, entretanto uma passagem que todos irão enfrentar ou presenciar (KUSTER, BISOGNO, 2010).

Os conceitos tradicionais a respeito do nascer e morrer se dão por embasamentos filosóficos, ensinamentos bíblicos e religiosos. Especialistas demonstram que durante anos buscou-se explicar o que dificilmente pode ser explicado, apesar de que se almeje compreender tal fenômeno (ALMEIDA, RUTHES, 2010).

A morte, em torno da idade média era considerada como algo espontâneo e rodeada de rituais, onde o enfermo podia se despedir de familiares, amigos, e definir o que poderia ser feito durante o processo de finitude (SANTOS, HORMANEZ, 2013).

No início do século XX, a morte começou a ganhar importância e passou a ser considerada com dramaticidade e apoiada pelas consequências econômicas. Com a chegada do capitalismo, a população era valorizada conforme o espaço que ocupava no sistema produtivo e na sociedade. Consequentemente, mudou-se a perspectiva em relação ao sentido da morte, antes vista como algo natural, tornou-se um evento vergonho e frustrante (SANTOS, HORMANEZ, 2013).

Desde o século passado vem-se mudando o pensamento acerca do ato de morrer. Antigamente a morte era bastante frequente na vida das pessoas, seja por epidemias, guerras e pelo fato que as pessoas eram mais próximas pela dinâmica das famílias. Entretanto, com a transformação da sociedade, a percepção e o enfrentamento da morte têm se modificado e tornou-se um tabu discuti-la (RIBEIRO, BARALDI, SILVA, 1998).

É fato que a morte é grande causadora de impacto na vida do ser humano. O modo de lidar e compreender a morte, ou ainda como associam em suas vivências profissionais ou pessoais, faz diferença no enfrentamento desse processo (KUSTER, BISOGNO, 2010).

Deste modo, o lidar perante a morte pode ser percebido e definido por diferentes perspectivas, sendo elas negativas ou positivas. O enfrentamento de forma negativa pode ser classificado pelo medo da morte, sendo caracterizado pelo pavor acerca da morte e o evitamento, pelo comportamento de se fazer o possível para evitar falar ou pensar sobre a mesma (LOUREIRO, 2010; WONG, REKER, GESSER, 1994).

No que compete ao enfrentamento de modo positivo frente a morte, classifica-se três formas distintas de enfrentamento: escape, neutra e religiosa. A aceitação de escape pode ser definida como a justificação de que quando se vive em circunstâncias que acarretam dor e sofrimento, a morte torna-se um meio para o término destes. Logo, a aceitação neutra é definida como a compreensão de que a morte faz parte do ciclo natural da vida e a aceitação religiosa é definida com a crença em uma vida feliz após a morte. (LOUREIRO, 2010; WONG, REKER, GESSER, 1994).

Com a perda do paciente, independente do cuidado prestado, a morte produz sofrimentos e transtornos ao profissional. Contudo, o exercício da enfermagem exige que se continue a prestar o cuidado a quem também sofre. A fim de promover a assistência sem adoecer, o enfermeiro precisa saber lidar com o estresse gerado

pelo contato com o sofrimento do paciente (FERNANDES et al. 2006; SILVA et al. 2016).

Mesmo com o contato constante com a morte, os profissionais de saúde não se isentam de sentimentos reais. Vale salientar a diferença básica do enfrentamento da morte entre leigos e profissionais. Visto que, para os profissionais a morte se faz presente em seu cotidiano, “tornando-se” sua companheira de trabalho (ARGENTA et al, 2008; SOUZA, MOURA, CORRÊA, 2009).

Com o surgimento do poder científico e tecnológico, tornou-se mais difícil a aceitação da morte de pacientes pelo profissional de saúde, especificamente os profissionais de enfermagem, visto que atualmente as tecnologias permitem o prolongamento da vida de pacientes terminais. Assim, os profissionais de saúde são treinados para manipular a morte não compreendendo a finitude do paciente, ocasionando o despreparo para prestar a assistência as reais necessidades do paciente e familiar no processo de morte e morrer. Diante dessa nova percepção de cuidado, é notável que não há construção de vínculo entre o profissional de saúde e o paciente, deixando de existir uma “boa morte” (SILVA, RUIZ, 2003; SANTOS; HORMANEZ, 2013).

O cuidado deve ser promovido holisticamente a todos os indivíduos, em diversos cenários e em diversas condições de vida, apesar da dificuldade de alguns profissionais em lidar com a morte, não se deve deixar de prestar a assistência ao paciente que está vivenciando esse processo (KLUSER, et al, 2011).

Demonstra-se que a proximidade estabelecida entre o paciente e o profissional de saúde pode ser benéfica para promover uma assistência com maior qualidade, porém, pode resultar um estado de vulnerabilidade diante do estresse laboral (SANTOS, HORMANEZ 2013). Portanto, é importante que se tenha um olhar para os profissionais de enfermagem, por serem referência no cuidado, estão sempre presentes no processo de finitude de seus pacientes, tornando-se mais vulneráveis ao sofrimento (SANTOS, et al, 2017). Nota-se, que, enfermeiros não preparados para lidar com a morte e que não associam ao ciclo natural da vida, ao acompanhar pacientes que se encontram em fase terminal caminhando para esse processo, encontrará dificuldades. (LEINA, ELTINK, 2011).

É notável que a morte tornou-se um processo mecânico, solitário e desumano. Diante o acometimento de uma patologia grave ou com algum grau de complexidade, o paciente é encaminhado ao hospital. Na maioria das vezes esse transporte é realizado rapidamente por familiares ou por profissionais que atuam no atendimento pré-hospitalar (KLUBER-ROSS, 2016).

Os profissionais de saúde estão cada vez mais capacitados para atuar com diferentes tecnologias de alta complexidade, a fim de prolongar a vida do doente, principalmente aqueles inseridos em unidades de emergência ou unidades de terapia intensiva (UTI). Porém, percebe-se que muitos profissionais não estão preparados para lidar com o paciente perante a morte, tampouco com seus familiares. Deste modo, torna-se difícil para os profissionais de saúde vivenciar a perda. Talvez este seja o motivo do morrer solitário dos pacientes no âmbito hospitalar (KUSTER, BISOGNO, 2010).

Enfermeiros atuantes em UTI permanecem de forma mais intensa e contínua ao lado do paciente. Esses profissionais são considerados os que mais apresentam dificuldades para lidar com o processo de finitude do paciente. Conseqüentemente, esses profissionais devem receber capacitação para promover a assistência ao indivíduo acompanhando o processo de morrer, inclusive oferecendo apoio aos familiares (POLES, BALIZA, BOUSSO, 2013). Considerando a atribuição do

enfermeiro em lidar com a vida, quando a morte se faz presente pode ocorrer a exteriorização de sentimentos de angústia, impotência e frustração, tornando-se extremamente dolorosas as interações com os pacientes e familiares podendo ocasionar nos enfermeiros da UTI insegurança e incerteza frente a função de salvar vidas. Habitualmente, os profissionais de saúde sentem-se responsáveis pela preservação da vida dos indivíduos, enfrentando a morte como insucesso profissional. Desta forma, ressalta-se, que nesses ambientes, comumente, prioriza-se a cura dos pacientes enquanto o processo de morrer se torna desmotivador e sem sentido aos profissionais de saúde (DOMINGUES et al, 2013; KOVÁCS, 2012; ALMEIDA, 2013).

Independente da preparação e capacitação dos enfermeiros que trabalham em ambientes críticos diante de equipamentos e monitoramento constante dos pacientes, a morte pode provocar vários entraves que poderão atrapalhar a qualidade da assistência, sendo capaz de ocasionar nos profissionais, frustração, sensação de incapacidade e fragilidade. Portanto, é de suma importância que o enfermeiro saiba lidar com o óbito do paciente, com os familiares e também consigo mesmo para que não se atrapalhe a devida assistência prestada (SILVA, CAMPOS, PEREIRA, 2011).

A enfermagem tem como foco principal o ser humano. Considera-se que a maior gratidão no trabalho do profissional está em preservar a vida. Para enfermeiros que atuam em setores críticos, como é o caso das unidades de emergência, esta concepção se faz de forma bastante acentuada pelo fato que esses profissionais convivem constantemente com pacientes instáveis (BATISTA, BIANCHI, 2006; SALOMÉ, CAVALI, ESPÓSITO, 2009).

Por estarem mais próximos das situações de emergência, promovendo a assistência, desde procedimentos mais simples aos mais complexos, até mesmo ao paciente em fase terminal, esses profissionais podem ser acometidos por um quadro de ansiedade, por serem os primeiros a enfrentarem a morte e sendo constante o lidar com a dor e o sofrimento (BRÊTAS, OLIVEIRA, YAMAGUTI, 2006; MARTINO, MISKO, 2004). Estudos citam que esses sujeitos estão mais propensos a desenvolverem um desgaste profissional, conhecido, na literatura, como síndrome de Bournout (PITTA, 1990; POPIM, BOEMER, 2006).

Os enfermeiros mesmo atuando por muito tempo na emergência não se acostumam a lidar com a perda do paciente e muitos profissionais não compartilham esses sentimentos com os colegas de trabalho, proporcionando maior tensão ainda. O envolvimento é tão grande que quando se sentem impotentes, choram, pois acreditam ser o momento de externar o sofrimento para aliviar sua própria dor (GUTIERREZ, CIAMPONE, 2006).

Conforme mencionado acima, as reações psicológicas apresentadas pelos enfermeiros também podem ser notadas no exercício da enfermagem oncológica. Salienta-se que o profissional que atua nesse ambiente está sujeito a uma série de sentimentos intensos e contraditórios, que remetem aos meios de defesa do ego, auxiliando na diminuição da angústia, devido ao fato de que a morte e o processo de morrer se fazem presentes no tratamento do paciente com neoplasia (SOUZA, ALMEIDA, 2012). É de extrema importância que se haja discussão sobre a morte e o morrer entre a equipe de enfermagem, no âmbito hospitalar, principalmente, na oncologia. Afinal, a morte se faz presente em todo o ciclo da vida, fazendo parte do desenvolvimento do indivíduo, deixando traumas naquele que a presença (KOVÁCS, 2008).

O enfermeiro, assim como a maioria das pessoas demonstram grande pesar diante da perda de pacientes jovens e crianças. Devido ao fato de que o profissional, da mesma forma é um ser humano com sentimentos e opiniões externas diante de vários assuntos, entre eles, o processo de finitude do paciente. (KUSTER, BISOGNO, 2010).

Nesse sentido, demonstra-se que a morte de pessoas idosas ou com doença terminal para os profissionais de saúde é mais tolerável e natural, devido a cronologia do desenvolvimento humano, nascer, crescer, reproduzir, morrer. Pois acreditam que o idoso já passou por todas as fases, já viveu sua história e deixou descendentes. Diante disso, a morte constitui-se em um evento esperado. Entretanto, torna-se mais difícil o enfrentamento diante da morte de neonatos e crianças, pelo fato de não seguir a cronologia humana, pois, esses pacientes pouco puderam conhecer, produzir, e deixar marcas na família e na sociedade. Em vista disso, surge um grande desafio para os enfermeiros perder um paciente pediátrico ou jovem, principalmente mediante os problemas agudos de saúde ou acidentes e fatores externos, pois os mesmos não sabem como enfrentar e trabalhar com esse tipo de fatalidade (BALDISSERA, et al, 2018; ZHEG, et al, 2015).

O conceito de terminalidade é um conceito relativo, já que todos nós temos a morte como fim do nosso processo de desenvolvimento. A questão de temporalidade é relativa, pois, ao dizermos que um idoso ou um paciente com doença grave está mais próximo da morte, este fato é constantemente contrariado, visto que, muitas vezes, pessoas saudáveis ou mais jovens morrem mais cedo do que aqueles que já estão “marcados para morrer” (KOVÁCS, 2008, p. 195).

Quando a morte ocorre com crianças, o enfermeiro exterioriza-se sentimentos de condolência na presença daquele indivíduo tão frágil e pequeno, também permite a oportunidade desse profissional expor seus sentimentos nessa ocasião devido aos vínculos afetivos estabelecidos. De modo geral, as pessoas mostram maiores dificuldades para lidarem com a morte de crianças, pois considera-se mais complexa do que a do adulto (SOUZA, MOURA, CORRÊA, 2009).

Devido ao fato de que as pessoas sempre associam as crianças a momentos felizes, de vida e de futuro, torna-se mais difícil lidar com a iminência da morte dessas crianças para o profissional de enfermagem. Devido ao fato de que a morte ocorrida na infância é associada com a interrupção de seu ciclo biológico, provocando na equipe sentimentos negativos, tais como: frustração, impotência, tristeza, dor, angústia e sofrimento (ZORZO, 2004).

Os profissionais de saúde também entendem que indivíduos mais jovens quando evoluem ao óbito acabam sendo uma perda de maior significado para familiares e conseqüentemente também para a sociedade, por assimilarem que estes poderiam ter futuros brilhantes e de certa forma contribuir para com a sociedade num todo. Quando um paciente morre, o enfermeiro associa esse óbito à frustração, não somente pelo pesar com a família, mas pelo fato de relacionarem o ocorrido às pessoas que fazem parte de sua vida social e principalmente de seus familiares (KUSTER, BISOGNO, 2010).

Ainda sobre as mortes impactantes, ao lidarem com a morte resultante de acidentes e homicídios, que infelizmente aconteceram por circunstâncias ou eventualidade, caracterizam, também, um impacto considerável, embora este enfrentamento seja de certa forma, mais conformador comparado com a morte de crianças (SOUZA, et al, 2013).

O enfermeiro, ao prestar assistência, pode criar um vínculo com os pacientes, podendo ser desenvolvido em momentos de dor e tensão, ao promover conforto e confiança, informações precisas e sinceras sobre seu quadro clínico, até mesmo, sempre que possível permitir o contato do paciente com o familiar (ABRÃO et al, 2013; PAI & LAUTERT, 2009; SILVA, CAMPOS E PEREIRA, 2011; SILVA E ROCHA, 2011). Quando se estabelece o vínculo entre profissional e paciente, cria-se uma relação de confiança promovendo segurança ao paciente. Entretanto, com a morte do paciente, este elo antes estabelecido, é quebrado, o que provoca dor, frustração, tristeza, sofrimento, sentimentos de perda e impotência (FERNANDES et al, 2006; SILVA et al, 2016).

Frente essas situações, os comportamentos dos enfermeiros ao lidarem com a morte estão associados à qualidade da assistência prestada, interferindo no cuidado. Dependendo da postura do enfermeiro nesse quesito, ele será menos capaz de adotar uma atitude positiva de cuidado com o paciente em fase terminal, podendo lesar a qualidade do vínculo entre o profissional e seus pacientes (PETERS, et al, 2013; MONDRAGON, et al, 2015).

Diante da perda do paciente, em algumas situações o enfermeiro não sabe como enfrentar o processo de finitude do paciente. Muitas vezes, o profissional presencia o sentimento de culpa, devido à perda do paciente ocasionando um conflito de ordem psicológica que pode resultar em uma barreira a novas experiências semelhantes ou, até mesmo, a fuga desse tipo de ambiente de trabalho (GUTIERREZ, CIAMPONE, 2006; MORO et al, 2010; SANTOS, HORMANEZ, 2013). Consequentemente, os profissionais priorizam manter relações com pacientes que têm chance de cura, levando-os a fuga e negação, para se manterem afastados do processo de morte e morrer. Assim, a equipe tende, portanto, a rejeitar possíveis interações que poderiam se formar nessa fase, provavelmente em consequência da angústia gerada pela consciência de sua própria morte (ALBERTONI et al, 2013).

Destaca-se que ao prestar a assistência, priorizando salvar o paciente a qualquer custo, a ocorrência da morte ou doença incurável, pode fazer com que a atuação da equipe seja percebida de forma insignificante, desmotivadora e frustrante. Além disso, não podendo interromper ou prolongar a morte, suavizar a dor e sofrimento pode trazer ao profissional a vivência de seus limites, finitude e impotência e isso pode ser extremamente doloroso (KOVÁCS, 2003).

Portanto, evidencia-se que a discussão sobre tal temática, desde o início da graduação pode proporcionar um suporte mais abrangente ao acadêmico, qualificando-o para prática clínica, não somente na perspectiva do curar, mas também do cuidar (SOUZA, et al, 2017).

Deste modo, o indivíduo necessita ser assistido de forma holística, em seu contexto de vida e de morte, pois fazem parte do ciclo vital. De maneira geral, na graduação, as grades curriculares abrangem questões relacionadas à vida, à cura e ao tratamento, contudo, não há uma reflexão mais voltada para o processo de morte e morrer, tampouco seu inter-relacionamento nas circunstâncias que envolvem sofrimento destes (ALVES, COGO, 2014).

É notável a deficiência da formação acadêmica do enfermeiro no Brasil, diante do enfrentamento da terminalidade da vida e todo o processo que a cerca. Ressalta-se a carência de discussões sobre a morte, o que possibilita grande despreparo na assistência prestada por não ter reflexão sobre a mesma. Resulta que o enfermeiro é impedido de lidar com a morte de maneira natural e saudável, por se limitar somente na gratificação de vivenciar a vida (SOUZA, ALMEIDA, 2012). Visto que, na graduação, conscientiza-se a respeito do compromisso com a

continuidade da vida dos pacientes sob seus cuidados e, quando isso não ocorre, os profissionais passam a vincular a morte como um imprevisto ou fracasso em sua vida profissional (IVO, PEDROSO, 2017; ZHEG, et al, 2015).

Em síntese, a vida e a morte sempre estiveram interligadas paralelamente em uma linha tênue reforçada com as novas tecnologias inseridas na assistência à saúde e com o avanço do conhecimento científico. Assim, os profissionais aprendem na faculdade a prolongar a vida sem um questionamento reflexivo sobre o que a mesma representa, o que dificulta a compreensão da morte (GROSSELIN, et al, 2011).

Assim, implica-se a importância de instituições públicas e privadas disponibilizarem suporte psicológico e educação continuada sobre a terminalidade da vida, tendo em vista as dificuldades relatadas pelos enfermeiros em lidar com a morte de seus pacientes, mesmo que alguns demonstrem tranquilidade para conduzir a situação, na tentativa de aliviarem a dor da família enlutada. Dessa maneira, evidencia-se que profissionais capacitados são mais capazes de enfrentar seus próprios tabus sobre a morte sem que sofram demasiadamente ou adoçam, assim exercendo da melhor forma seu mister profissional (MACHADO, et al, 2018; LACERDA, et al, 2016).

Observa-se a necessidade de se inserir a disciplina de tanatologia na grade curricular durante a graduação para que os acadêmicos, futuros enfermeiros possam melhor aceitar e lidar com o sofrimento relacionado a morte de seus pacientes independente do setor ao qual atuam, da mesma maneira, é indispensável o oferecimento de suporte emocional aos que já atuam em locais onde a morte é uma constante, sendo responsável por causar estresse, sofrimento e dor (GOIS, ABRÃO, 2015).

Conforme a literatura, muitas das dificuldades presenciadas pelos enfermeiros em sua prática clínica poderiam ter sido evitadas ou ao menos reduzidas por uma melhor formação profissional. Devido à falta de oportunidades durante a formação para adquirir habilidades, difícil acesso a conhecimentos acerca da morte, e de discussões nas instituições de ensino para externar os medos, as angústias, frustrações e a insegurança (BARROS et al, 2013; PETERSON & CARVALHO, 2011; SANTANA et al, 2013; SILVA E ROCHA, 2011; SOUZA et al, 2013).

No entanto, em estudos realizados por Shimizu (2009), demonstram que alguns profissionais de enfermagem elaboram maneiras de enfrentamento para a morte dos pacientes, com o intuito de evitar o sofrimento diante da perda, assim, não ocasionando danos emocionais e prejuízos em sua assistência, porém, não quer dizer, exatamente, que estes não estão isentos de sofrerem com o findar da vida de seus pacientes. Assim, profissionais ressaltam que o contato constante auxilia para que possa ocorrer um melhor enfrentamento da morte dos pacientes, independente das diferenças individuais e pessoais nas defesas criadas contra o sofrer mediante a morte. Contudo, salienta-se que profissionais de enfermagem com mais tempo de assistência e experiência demonstram estar mais preparados para lidarem com a situação do que o profissional que acabou de se formar ou aquele que está iniciando sua atuação em certa unidade, seja ela mais crítica ou não.

As percepções e as reações que os profissionais de saúde demonstram diante da vida e da morte vinculam-se com o tipo de instrução e preparo que tiveram, as experiências vivenciadas e o meio sociocultural onde cresceram e se desenvolveram. Conforme os profissionais descobrem sua própria finitude e passam a conhecer melhor, conseqüentemente passam a compreender de forma mais satisfatória o processo de morte e morrer do paciente (BERNIERI, HIRDES, 2007).

Frente aos dilemas emocionais originados pela morte de seus pacientes e o sentimento de perda, surge nos profissionais de saúde a necessidade de desenvolverem habilidades e competências para confrontar esses dilemas. Estudos realizados com profissionais da saúde demonstraram que enfermeiros com capacitação em cuidados paliativos não relatavam ter medo da morte nem tampouco dificuldade para falar sobre a mesma. É importante frisar que o medo ou evitamento da morte consiste em uma defesa do ego contra o sofrimento, porém se usada de forma demasiada pode empobrecer essa compreensão, refletindo-se no entendimento do sentido da vida. Assim, compreender a morte pode proporcionar a valorização da vida, conferindo-lhe sentido e um esforço para se viver uma vida bem mais vivida. (ZYGA, et al, 2011; FRONZA, et al, 2015).

Nota-se uma concordância entre os profissionais da área da saúde, em especial os enfermeiros, que vivenciar a morte e o morrer durante a sua prática clínica é desafiador, portanto, em muitas ocorrências reconhecem que é um processo que faz parte do ciclo vital e que, necessariamente, todos, em algum momento passarão por isto e que faz parte da realidade da profissão. Com isso, procuram criar mecanismos para enfrentarem a morte com o mínimo de envolvimento emocional, portanto, mesmo com a ausência de reação terapêutica por parte do paciente, têm-se a sensação de dever cumprido (SALIMENA, et al, 2014; LIMA, COSTA, 2015).

Nessa perspectiva, é crucial capacitar a enfermagem para promover uma assistência com qualidade voltada ao cuidado na vivência da morte, pelo fato de que o conhecimento apropriado repercute nesse aspecto, da mesma forma o incentivo e o apoio emocional para que os profissionais vivenciem este momento de forma profissional, ética, e principalmente humana, sem comprometer sua saúde mental ao enfrentar todo o processo da morte de seus pacientes (LACERDA, et al, 2016).

Destaca-se a importância da formação do enfermeiro capacitado para desenvolver um cuidado integral focado não somente sobre o corpo, mas também, mente e espírito conforme orienta o programa nacional de humanização em saúde, o Humaniza Sistema Único de Saúde (SUS). Além disso, ressalta a responsabilidade do enfermeiro em fazer com que o paciente saiba aceitar sua situação, apaziguar seu sofrimento e enfrentar seus conflitos pessoais, promovendo o cuidado sem privar o paciente de sua individualidade e particularidades (TOMASSO, BELTRAME, LUCCHETTI, 2011; BRASIL, 2010; LIMA, et al, 2013; GOIS, ABRÃO, 2015).

Os fatores que facilitam ou motivam a prática do enfermeiro ao lidar com a morte não excluem a possibilidade de enfrentarem o estresse. No entanto, a gestão eficaz destes fatores impulsiona um ambiente de trabalho produtivo e saudável. Manter o diálogo, estabelecer vínculos e, além do mais, desenvolver resiliência às situações problemas, são maneiras de preservar suas emoções, mas também de agir a favor de um autorreconhecimento (BASTOS, et al, 2017).

A equipe de enfermagem, dentre todos os profissionais da área da saúde, é reconhecida por sua permanência e continuidade na prestação de cuidados ao paciente enfermo e sua família, vivendo com suas dores e sofrimentos no processo de morte e morrer (VASQUES, et al, 2019). Ante o exposto, o amparo psicológico aos enfermeiros poderia possibilitar o enfrentamento das situações estressantes e adversas que podem surgir no cotidiano das inter-relações, auxiliando na elaboração do sofrimento em situações difíceis, como a assistência prestada ao paciente terminal (HOHENDORFF, MELO, 2009). Portanto, oferecer um espaço de apoio para que os profissionais enfrentem e lidem com seus sentimentos e possam trabalha-los é fundamental, evitando o uso de mecanismos de defesa, afastamento

emocional e até físico do paciente em fase terminal (PETERSON, CARVALHO, 2011). Assim, preza-se a dignidade do paciente antes e após o óbito, que muitas das vezes, gera-se satisfação e conforto pelo trabalho realizado (MOTA, GOMES, COELHO, FILHO E SOUSA, 2011; SILVA, VALENÇA, GERMANO, 2010).

Sabe-se que a influência religiosa na prática clínica do profissional de saúde refere-se à concepção da morte com o findar do sofrimento e início do descanso eterno. Nesse contexto filosófico, não há lugar para pensamentos negativos e o mesmo poderá encontrar conforto e meios para reconfortar o paciente e sua família (ABRÃO et al, 2013; MORO et al, 2010).

Salienta-se, que, aceitar a morte como parte do ciclo natural da vida, contribui para que o enfermeiro possa refletir sobre o uso adequado de tecnologias e terapêuticas bem como evitar o sofrimento desnecessário e a distanásia. A morte precisa deixar de ser vista como um fracasso profissional sempre envolta em sentimentos de impotência e frustração e ser vista novamente como algo natural e fisiológico (BASTOS, et al, 2017).

Considerações finais

Apesar da morte fazer parte do ciclo da vida, ainda assim é responsável por desencadear sofrimento no ser humano. Para os profissionais de saúde não é diferente, especialmente para os enfermeiros por estarem expostos constantemente a esse fenômeno, muita das vezes ocasionando sentimentos de frustração e negação.

Este artigo se propôs a responder ao seguinte problema de pesquisa: de que modo ocorre o enfrentamento do enfermeiro e quais sentimentos expressos ao lidar com a morte. A hipótese levantada com relação ao problema de pesquisa foi que os enfermeiros ao se depararem com a morte não estão preparados para lidarem com este fenômeno.

Assim, este estudo teve como Objetivo Geral reconhecer a percepção do profissional enfermeiro ao enfrentar a morte em sua prática assistencial. Como Objetivos Específicos esse artigo teve como base compreender as dificuldades enfrentadas e os sentimentos vivenciados pelos enfermeiros que convivem com a morte, onde a mesma se faz presente constantemente em sua prática clínica.

Deste modo, a justificativa desta pesquisa foi aprofundar o saber acerca da assistência prestada pelo enfermeiro ao paciente terminal. Surgiu da mesma forma a relevância de abordar esse tema para que os enfermeiros possam identificar suas limitações e assim busquem preparo tanto profissional quanto ético para que passem a promover uma assistência com mais eficácia e que assim associem a morte como um processo fisiológico. A enfermagem é a profissão mais próxima do paciente promovendo cuidado ao indivíduo que sofre, vale salientar a importância de promover pesquisas abordando esta temática, proporcionando discussão para que assim os profissionais possam promover um cuidado mais humanizado para a população que necessite dos cuidados de enfermagem.

Por meio deste estudo conclui-se que os enfermeiros não estão preparados para atuar com a iminência da morte, pois associam o processo de morte e morrer como fracasso profissional. Profissionais também temem mais a morte de crianças do que de pessoas idosas, pelo fato de que a morte interrompe a ordem cronológica da vida, assim ficando mais fácil lidar com o findar da vida de pacientes idosos, pois relatam que esses pacientes já viveram e já aproveitaram a vida e com a morte na pediatria esse processo de nascer, crescer, reproduzir e morrer é interrompido.

Através da literatura, compreende-se que o lidar com a morte na assistência é uma das maiores dificuldades enfrentadas pelos enfermeiros, sendo a UTI, a emergência e a oncologia, os locais mais difíceis para atuar, visto que a morte se faz presente constantemente ocasionando-se nos profissionais sentimentos de frustração, perda, tristeza e impotência. Esse despreparo para lidar com a morte é associado a falta de qualificação ainda na graduação, pois preparam os acadêmicos somente para promoverem o tratamento focado na cura e muitas das vezes negligenciando as necessidades do indivíduo. Assim, ressalta a importância de instituições de saúde e universidades promoverem discussões sobre a morte para que os profissionais de saúde possam atuar com a morte sem que sofram demasiadamente e assim passem a promover um cuidado humanizado ao paciente que também sofre.

Ante o exposto, surge a relevância de continuar com pesquisas abordando esta temática, para que os profissionais de saúde deixem de associarem a morte ao insucesso profissional e passem a promoverem discussões sobre a mesma, para que assim possam se embasar nas melhores evidências e proporcionarem uma assistência com mais qualidade e humanização ao paciente que se encontra no processo de morte e morrer.

Referências

- ABRÃO, F.M.S. et al. Representações sociais de enfermeiros sobre a religiosidade ao cuidar de pacientes em processo de morte. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 66(5), 730-737. 2013.
- ALBERTONI, L. I. et al. Análise qualitativa do impacto da morte sobre os estudantes de medicina da faculdade de medicina de São José do Rio Preto. *Arquivos de Ciências da Saúde, São José do Rio Preto*, v. 20, n. 2, p. 49-52, 2013. Disponível em: <http://repositorio-racs.famerp.br/racs_ol/vol-20-2/ID_529_abr-jun_2013.pdf>. Acesso em: 26 set. 2019.
- ALMEIDA, A. S; BARLEM, E. L. D; BARLEM, J. G. T. et al. Produção científica da enfermagem sobre morte/morrer em unidades de terapia intensiva. *Enferm. Foco*, v. 4, n. 34, p. 179-83, 2013.
- ALMEIDA, MR, RUTHESS VRM. A polêmica do início da vida: uma questão de perspectiva de interpretação. *Pistis Prax Teol Pastor*. 2010; 2 (1):113-124.
- ALVES, E. A. T. D.; COGO, A. L. P. Percepção de estudantes de enfermagem sobre o processo de aprendizagem em ambiente hospitalar. *Revista Gaúcha de Enfermagem, Porto Alegre*, v. 35, n. 1, p.102-109, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rgenf/v35n1/pt_1983-1447-rgenf-35-01-00102.pdf>. Acesso em: 26 set. 2019.
- ARGENTA, C. et al. A morte em setor de emergência e seus reflexos na equipe de saúde: uma revisão bibliográfica. *Cogitare Enferm*. 2008. Acesso em: 26 set. 2019. 13(2): 284-9. Disponível em: <http://revistas.ufpr.br/cogitare/article/viewFile/12516/8573>.
- BALDISSERA, AE, et al. Perspective of nursing professionals on death in the emergency. *Journal of Nursing UFPE on line - [S.l.]*, v. 12, n. 5, p. 1317-1324, may 2018. ISSN 1981-8963. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/234545>>. Date Acesso em: 26 set. 2019. doi:<https://doi.org/10.5205/1981-8963-v12i5a234545p1317-1324-2018>.
- BARROS, N.C.B. et al. Cuidados paliativos na uti: compreensão dos enfermeiros. *Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental (Online)*. 5(1), 3293-3301. 2013.

- BASTOS, R.A, et al. Vivências dos enfermeiros frente ao processo de morrer: uma metassíntese qualitativa. *Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental*, Porto, n. 17, p. 58-64, jun. 2017. Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1647-21602017000100008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 04 set. 2019. <http://dx.doi.org/10.19131/rpesm.0184>.
- BATISTA, KM, BIANCHI ERF. Estresse do enfermeiro em unidade de emergência. *Rev Latino-Am Enfermagem* 2006; 14(4): 534-39.
- BERNIERI, J.; HIRDES, A. O preparo dos acadêmicos de enfermagem brasileiros para vivenciarem o processo morte-morrer. *Texto Contexto Enfermagem*, Florianópolis, v. 16, n. 1, p. 89-96. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072007000100011&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 05 set. 2019.
- BESERRA, GMG, SANTANA MG, ARAUJO AC. Morte: uma reflexão na educação em enfermagem. *Rev Tecn Cien Enferm* 2006; 4(15): 91-6.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Política Nacional de Humanização. *Cadernos HumanizaSUS: formação e intervenção*. Brasília: Ministério da Saúde; 2010. V. 1.
- BRÊTAS JRS, OLIVEIRA JR, YAMAGUTI L. Reflexões de estudantes de enfermagem sobre morte e o morrer. *Rev Esc Enferm USP* 2006; 40 (4): 477-83.
- DESLANDES, S. F; GOMES, R; MINAYO, M. C. S. *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. 25 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- DOMINGUES, G.R. et al. A atuação do psicólogo no tratamento de pacientes terminais e seus familiares. *Psicologia Hospitalar*, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 2-24, 2013. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ph/v11n1/v11n1a02.pdf>>. Acesso em: 26 set. 2019.
- FERNANDES, M. E. N.; et al. A morte em Unidade de Terapia Intensiva: Percepções do enfermeiro. *Rev RENE*, Fortaleza, v.7, n.1, 43-51, 2006.
- FERNANDES, M.A. et al. Percepção dos enfermeiros sobre o significado dos cuidados paliativos em pacientes com câncer terminal. *Ciência & Saúde Coletiva*. 18(9), 2589-2596. 2013.
- FRONZA, LP, et al. O tema da morte na escola: possibilidades de reflexão. *Barbarói*. 2015; (43):48-71.
- GASPERINI, P. RADÜNZ V. Cuidar de si mesmo: essencial para enfermeiros. *Rev Min Enferm* 2006; 10(1): 64-9.
- GÓIS, ARS; ABRÃO, FMS. O processo de cuidar do enfermeiro diante da morte. *Revista de Enfermagem da UFSM*, [S.l.], v. 5, n. 3, p. 415 - 425, out. 2015. ISSN 2179-7692. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/reufsm/article/view/15832>>. Acesso em: 26 set. 2019. doi: <http://dx.doi.org/10.5902/2179769215832>.
- GONÇALVES, JR. Como escrever um Artigo de Revisão de Literatura. *Revista JRG de Estudos Acadêmicos*, Ano II, Vol.II, n.5, 2019.
- GOSSELIN, TK, et al. Measuring oncology nurses' psychosocial care practices and needs: results of an oncology nursing society Psychosocial Survey. *Oncol Nurs Forum*. 2011;38(6):729-37.
- GUTIERREZ, B. A. O; CIAMPONE, M. H. T. Profissionais de enfermagem frente ao processo de morte em unidades de terapia intensiva. *Acta Paulista de Enfermagem*, São Paulo, v. 19, n. 4, p. 456-461, 2006.
- HOHENDORFF, J. V.; MELO, W. V. Compreensão da morte e desenvolvimento humano: contribuições à Psicologia Hospitalar. *Estudo pesquisa e psicologia*, Rio de

- Janeiro, v. 9, n. 2, p. 480-492, 2009. Disponível em:
<<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v9n2/v9n2a14.pdf>>. Acesso em: 26 set. 2019.
- IVO OP; PEDROSO KO. The process of death and dying: a vision of nursing students. *Id Online Rev Psic.* 2017 Feb;11(34):305-21. Doi:
<https://doi.org/10.14295/idonline.v11i34.691>.
- KLÜSER, et al. Vivência de uma equipe de enfermagem acerca do cuidado aos pacientes com câncer. *Rev RENE.* 2011;12(1):166-72.
- KOVÁCS, M. J. Desenvolvimento da Tanatologia: estudos sobre a morte e o morrer. *Paidéia, Ribeirão Preto*, v. 18, n. 41, p. 458-468. 2008. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2008000300004>. Acesso em: 26 set. 2019.
- KOVÁCS, M. J. Educação para a morte: temas e reflexões. São Paulo: Casa do Psicólogo: Fapesp, 2003.
- KOVÁCS, M. J. Educadores e a morte. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 71-81, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v16n1/08.pdf>>. Acesso em: 26 set. 2019.
- KÜBLER-ROSS, E. Sobre a morte e o morrer. 4th ed. São Paulo: Martins Fontes; 2016.
- KUSTER DK, BISOGNO SBG. A percepção do enfermeiro diante da morte dos pacientes. *Disc. Scientia. Série: Ciências da Saúde*, Santa Maria, v. 11, n. 1, p. 9-24, 2010.
- LACERDA, C. A. et al. O lidar com a morte em unidade de terapia intensiva: dificuldades relatadas por enfermeiros. *Revista ciência e desenvolvimento.* v. 9, n. 2. 2016.
- LEINA, J. R; ELTINK, C. F. A Visão do Graduando de Enfermagem Perante a Morte do Paciente. *Revista do Instituto de Ciências da Saúde, Ribeirão Preto*, v. 29, n. 3, p. 176-82, 2011.
- LIMA, NAV, et al. Acolhimento e humanização da assistência em pronto-socorro adulto: percepções de enfermeiros. *Rev Enferm UFSM.* 2013;3(2):276–86.
- LIMA, RS; COSTA JJA. The process of death and dying in nurses vision. *ReOnFacema* 2015. Acesso em: 26 set. 2019. 1(1):25-30. Disponível em:
<http://www.facema.edu.br/ojs/index.php/ReOnFacema/article/view/13/8>.
- LOUREIRO, LMJ. Tradução e adaptação da versão revista da Escala de Avaliação do Perfil de Atitudes acerca da Morte (EAPAM). *Rev Enf Ref.* 2010. Acesso em: 26 set. 2019. 3(1):101-8. Disponível em:
<http://www.scielo.mec.pt/pdf/ref/vserlln1/serlln1a11.pdf>.
- MACHADO NLM, et al. O enfermeiro diante da ocorrência de morte em ambiente de urgência e emergência. *CuidArte Enfermagem.* 12(1): 23-29. 2018.
- MARTINO MMF, MISKO MD. Estados emocionais de enfermeiros no desempenho profissional em unidades críticas. *Rev Esc Enferm USP* 2004; 38(2):161-7.
- MONDRAGÓN-SÁNCHEZ EJ, et al. A comparison of the level of fear of death among students and nursing professionals in Mexico. *Rev Latino-Am Enfermagem.* 2015. Acesso em: 26 set. 2019. 23(2):323-8. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692015000200019.
- MORO, C. R.; et al. Desvelando o processo de morrer na adolescência: A ótica da equipe de Enfermagem. *Rev. Rene. Fortaleza*, v. 11, n. 1, p. 48-57, 2010.
- MOTA, M.S. et al. Reações e sentimentos de profissionais da enfermagem frente à morte dos pacientes sob seus cuidados. *Revista Gaúcha de Enfermagem.* 32(1), 129-135. 2011.

- PAI, D.D. LAUTERT, L. Estratégias de enfrentamento do adoecimento: um estudo sobre o trabalho da enfermagem. *Acta Paulista de Enfermagem*. 22 (1), 60-5. 2009.
- PETERS L, et al. How death anxiety impacts nurses' caring for patients at the end of life: a review of literature. *Open Nurs J*. 2013; 7(1):14-21.
- PETERSON, A. A., & CARVALHO, E. C. Comunicação terapêutica na enfermagem: dificuldades para o cuidar de idosos com câncer. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 64(4), 692-697. 2011.
- PITTA, A. Hospital: dor e morte como ofício. São Paulo: Hucitec; 1990.
- POLES, K; BALIZA, M. F; BOUSSO, R. S. Morte na unidade de terapia intensiva pediátrica: experiência de médicos e enfermeiras. *R. Enferm. Cent. Oeste Mineiro*, v. 3, n. 3, p. 761-9, 2013.
- POLES, K; BOUSSO, R. S. Compartilhando o processo de morte com a família: a experiência da enfermeira na UTI pediátrica. *Rev. Latino-am Enfermagem*, v. 14, n. 2, p. 207-13, 2006.
- POPIM RC, BOEMER MR. O cuidar em oncologia: diretrizes e perspectivas. Botucatu: Editora UNESP; 2006.
- RIBEIRO, M. C; BARALDI, S; SILVA, M. J. P. A percepção da equipe de enfermagem em situação de morte: ritual do preparo do corpo "pós-morte". *Revista Escola de Enfermagem da USP*, v. 32, n. 2, p. 117-23, 1998.
- SALIMENA, AMO, et al. Meaning of death of the surgical patient experienced by the nursing team. *Rev Enferm UFSM*. 2014 Sept;4(3):645-51. Doi: <http://dx.doi.org/10.5902/2179769211267>.
- SALOME, GM; CAVALI, A; ESPOSITO, VHC. Sala de emergência: o cotidiano das vivências com a morte e o morrer pelos profissionais de saúde. *Rev. bras. Enferm.*, Brasília, v. 62, n. 5, p. 681-686, 2009. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672009000500005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 26 set. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-71672009000500005>.
- SANTANA, J. et al. Docentes de enfermagem e terminalidade em condições dignas. *Revista Bioética*, 21(2) 298-307. 2013.
- SANTOS, et al. A Enfermagem frente ao processo de morte: Revisão integrativa. INTERNATIONAL NURSING CONGRESS. 2019.
- SANTOS, M. A.; HORMANEZ, M. Atitude frente à morte em profissionais e estudantes de enfermagem: revisão da produção científica da última década. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 18, n.9, p.2757-2768, 2013.
- SHIMIZU, H. E. Como os trabalhadores de enfermagem enfrentam o processo de morrer. *Rev. Bras. Enferm.*, Brasília, v. 60, n. 3, p. 257-62, 2007.
- SILVA, A. L. L; RUIZ, E. M. Cuidar, morte e morrer: significações para profissionais de enfermagem. *Revista Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 20, n. 1, p. 15-25, 2003.
- SILVA, C. R. L. da; et al. Representações sociais de enfermeiros sobre o processo de morte e morrer em UTI. *Cienc Cuid Saude*, v. 3, n.15, p.474-481, 2016.
- SILVA, L.C.S.P., VALENÇA, C.N., & GERMANO, R.M. Percepções dos profissionais de enfermagem intensiva frente a morte do recém-nascido. *Revista Brasileira de Enfermagem*. 63(2), 238-242. 2010.
- SILVA, M.K.G., & ROCHA, S.S. O significado de cuidar do recém-nascido sem possibilidade de terapêutica curativa. *Revista Rene*. 12 (1), 97-103. 2011.
- SILVA, R. S; CAMPOS, A. R. S; PEREIRA, A. Cuidando do paciente no processo de morte na Unidade de Terapia Intensiva. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, São Paulo, v. 3, n. 45, p. 738-44, 2011.

- SOUZA AM, MOURA DSC, CORRÊA VAC. implicações do pronto-atendimento psicológico de emergência aos que vivenciam perdas significativas. *Psicologia: ciência e profissão*. 2009. Acesso em: 26 set. 2019. 29(3), 534-45. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/s1414-98932009000300008>.
- SOUZA, A. A; ALMEIDA, L. C. V. Reflexões da enfermagem sobre a morte e o morrer na oncologia. 2012. 15 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Enfermagem) – Universidade Presidente Antônio Carlos. Barbacena: UNIPAC, 2012. Disponível em: <http://www.unipac.br/site/bb/tcc/tcceb646fe373aee920c2e3747d5eb7031.pdf> >. Acesso em: 26 set. 2019.
- SOUZA, D. M. et al. A vivência da enfermeira no processo de morte e morrer dos pacientes oncológicos. *Texto Contexto Enfermagem*, Florianópolis, v. 18, n. 1, p. 41. 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010407072009000100005&script=sci_arttext >. Acesso em: 03 set. 2009.
- SOUZA, L.F. et al. Dignified death for children: perceptions of nurses from an oncology unit. *Revista Escola de enfermagem USP*. 47(1), 30-37. 2013.
- SOUZA, M.C.S et al. Avaliação do perfil de atitudes acerca da morte: estudo com graduandos da área de saúde. *Enferm. Florianópolis*, v.26, n.4. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072017000400313&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 26 set. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/0104-07072017003640016>.
- SOUZA, S. et al. A morte e o processo de morrer: sentimentos manifestados por enfermeiros. *Enfermeira Global*. 2013. Acesso em: 26 set. 2019. 32:230-6. Disponível em: http://scielo.isciii.es/pdf/eg/v12n32/pt_administracion4.pdf.
- TOMASSO, CS, BELTRAME IL, LUCCHETTI G. Conhecimentos e atitudes de docentes e alunos em enfermagem na interface espiritualidade, religiosidade e saúde. *Rev Latinoam Enferm*. 2011;19(5):156-68.
- VASQUES, T. C. S. et al. Equipe de enfermagem e complexidades do cuidado no processo de morte-morrer. *Trab. educ. saúde*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, e0021949. 2019. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-77462019000300504&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 26 set. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/1981-7746-sol00219>.
- VIEIRA, MA, SOUZA SJ, SENA RR. Significado da morte para os profissionais de enfermagem que atuam no CTI. *Rev Min Enferm* 2006; 10 (2):151-9.
- VIERO, MD, et al. O Processo de Morte e Morrer na Prática de Enfermagem: Um Relato de Experiência. II Jornada internacional de Enfermagem UNIFRA, 2012. Disponível em: <http://www.unifra.br/eventos/jornadadeenfermagem/trabalhos/3978.pdf>>. Acesso em: 26 set. 2019.
- WONG P; REKER G, GESSER G. Death attitude profile revised: a multidimensional measure of attitude toward death. In: Neimeyer RA, editor. *Death anxiety handbook: research, instrumentation, and application*. Washington (DC): Taylor & Francis; 1994.
- ZHENG, RS. et al. Chinese oncology nurses experience on caring for dying patients who are on their final days: a qualitative study. *Int J Nurs Stud*. 2015;52(1):288-96. Doi: <https://doi.org/10.1016/j.ijnurstu.2014.09.009>.
- ZORZO, J. C. C. O processo de morte e morrer da criança e do adolescente: vivências dos profissionais de enfermagem. Dissertação de Mestrado. Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto, 2004.

ZYGA, S. et al. Greek renal nurses attitudes towards death. J Ren Care. 2011; 37(2):100-7.